

Título	Hip Hop	Autor	Tatiana Ferraz
Data	2001	Artista	Jac Leirner
Publicação	FERRAZ, Tatiana. <i>Hip Hop</i> . São Paulo: Centro Universitário Maria Antonia da USP, 2001.		

Hip Hop

Diante da obra Hip Hop (1998), a primeira coisa que nos chama a atenção é onde estariam aqueles inscritos cotidianos dos cartões de visita, das etiquetas ou mesmo das sacolas de Jac Leirner? Um silêncio é o que parece revelar o trabalho, depois de uma série de questionamentos e reorganizações conceituais e formais que problematizavam as sociedades de consumo e o próprio consumo na esfera da arte. Hip Hop nos convoca a uma conscientização de que o mundo anda mais silencioso, em especial, a produção da arte brasileira, marcada pelo "fenômeno do silêncio", processo apontado pela crítica Aracy Amaral a propósito da situação brasileira dos anos 90.

A qualidade do trabalho de Jac Leirner que a distingue com especial interesse em meio ao caldeirão da produção recente reside no fato dessa "neutralidade" se revelar não como passividade diante do mundo, mas como problematização de uma situação mundial de superficialidade ^ vale lembrar que a artista descreve seu trabalho como sendo 90% reflexão e 10% produção propriamente dita. Isso significa uma experiência direta pelas reflexões a cerca dos sintomas contemporâneos de falta de densidade das sociedades atuais em um período de visibilidades ralas.

Trata-se de adesivos de cores e formas variadas colados na parede de maneira a formarem uma grande linha que percorre as quatro planos do espaço expositivo. Sem os inscritos anteriores, a produção abre-se a um diálogo não mais por meio dos signos e palavras que os objetos dos trabalhos anteriores carregavam, mas pela organização poética das cores e formas, numa sequência rítmica silenciada. Como se as palavras contidas nos cartões de visita, à exemplo da obra Foi um Prazer (1991), tivessem sido apagadas e a obra, despreendido-se de uma intenção crítica mais direta para revelar uma visualidade sonora de variações "anônimas" (formais, conceituais, cromáticas etc.), abrindo-se a uma apreensão crítica do momento contemporâneo de esvaziamento cognitivo.

Na grande faixa em que os adesivos se encadeiam continuamente sobre as paredes da sala, as alternâncias cromáticas e formais (de tamanho, comprimento e largura), desde pequenas interrupções (pelas grandes diferenças entre uma forma anterior bem fina, quase uma linha, e uma forma posterior mais larga, um quadrado; ou pela alternância cromática de tons muito distintos, às vezes opostos) até sequências mais suaves (com pequenas diferenciações de espessura de uma forma a outra; ou com aproximações de cores tonais mais próximas), atribuem uma musicalidade com ricas variações,

Da sequência da "grande faixa" entende-se também uma expansão colorística de intenções na configuração do trabalho. Quadrado, vermelho, verde, fino, branco, azul, bege, liso, comprido, preto, roxo, azul, curto, verde, amarelo, laranja, quadrado... a profusão de cores e tamanhos diversificados imprime um ritmo "suíngado", próprio da cultura negra presente no hip-hop, sugerido também no título da obra. Neste sentido, reminiscências da cultura pop podem ser somadas à visualidade rítmica própria do Hip Hop. Aqui lembramos também da musicalidade inspiradora do jazz presente em Boogie-Woogie de Mondrian. A apreensão musical em Mondrian vem da simultaneidade cromática de valores dispostos em horizontais e verticais; já no trabalho de Leirner, existe uma reorganização sequencial desses valores, proporcionando uma experiência rítmica num percurso espacial e temporal.

Jac, seguindo sua trajetória, organiza seus objetos numa serialização próxima ao minimalismo, em que não há hierarquização das unidades, formando-se uma totalidade expressiva no conjunto. Atenta a todo tempo às reflexões

Título	Hip Hop	Autor	Tatiana Ferraz
Data	2001	Artista	Jac Leirner
Publicação	FERRAZ, Tatiana. <i>Hip Hop</i> . São Paulo: Centro Universitário Maria Antonia da USP, 2001.		

sobre a história da arte, principalmente desse último século, sua produção carrega também uma reconsideração do ready-made de Duchamp. Mediante a reorganização do cotidiano pelos objetos banais (não comercializáveis) como obra de arte, a transgressão do trabalho da artista vem da reflexão em torno do desgaste e do acúmulo de signos da cotidianidade ou mesmo do próprio sistema da arte pelo consumo excessivo. "Separadas essas peças têm o sentido diluído. Juntas, elas possuem um super dom de reflexão". Numa aproximação da situação contemporânea, basta tomar como exemplo as propagandas vistas em outdoors e letreiros: tudo acaba funcionando como se tivessem sido diluídos pelo excesso, restando apenas as formas coloridas dessas imagens, ritmicamente organizadas pelos percursos na cidade.

Retomando sua formação que vem da tradição da escultura e do objeto dos anos 1980, relativa a uma presença crítica do real na arte, Jac parece continuar sua investigação, buscando aproximar-se do processo do consumo excessivo da contemporaneidade por duas vias principais: por uma politização dos sentidos e por uma transgressão que resignifica a situação de passividade dos objetos comuns em algo mais. Os deslocamentos vêm desde os acúmulos com dinheiro e cigarro de meados dos anos 1980 (*Os Cem*, 1985-87; *Pulmão*, 1985-87), até os utensílios do "shopping da arte" dos anos 1990, como sacolas de museus e cartões de visita (*Nomes*, 1989, *Foi um Prazer*, 1997; *Adesivos*, 2000). "Tenho uma certa fixação por esses materiais, que têm uma característica comum: todos estão espalhados pelo mundo, são banais e não afirmativos, e o fato de poder dar a eles uma condição afirmativa me encanta".

As palavras da artista demonstram um pensamento muito próximo ao "raciocínio plástico" da arte conceitual e minimal, fortemente presente em Hip Hop. Aqui a transgressão objetual é sustentada pela peculiaridade de não serem mais objetos que antes tinham uma função temporária na vida da artista; a obra, agora, se faz pela reunião de objetos mais "abertos", sem significação a priori. "Não existe um discurso sobre, é mais uma presença do que uma referência. [...] Não estou pensando em grandes questões, estou pensando realmente em pequenas coisas [...], coisas muito primeiras, ideias puras: peso, medida, quantidade, lugar e liberdade. A ideia é quebrar a neutralidade das coisas".

Os adesivos destituídos de palavras, as quais vinculavam as obras à ideia excessiva do consumo, revelam um sentido de ausência como um vazio; reivindicam a percepção inteligente para oferecer uma presença do que parece ali não estar; um silêncio que vem pelo excesso do nada, de um circuito calado de cor e de formas.

Numa época de extrema profusão do trabalho do designer gráfico, sintoma de uma maior preocupação com a visualidade (incorporando questões plásticas, de cor, forma, textura, composição) para o melhor efeito da publicidade e das vendas, o pensamento de Leirner se apresenta atual e reflexivo. Como se ela revelasse a contemporânea complexidade do processo de crescente "maquiagem", da supervalorização do invólucro, descompromissada com o conteúdo.

Assim como em trabalhos anteriores, a artista dispõe as peças coloridas autocolantes em esquemas formais, só que agora o faz como se existisse apenas uma memória do que poderiam ser essas tiras de papel colorido de diversos formatos, uma memória dos seus próprios trabalhos anteriores, agora atenuando-se os significados previamente estabelecidos em favor de uma visualidade ritmicamente organizada.

Título	Hip Hop	Autor	Tatiana Ferraz
Data	2001	Artista	Jac Leirner
Publicação	FERRAZ, Tatiana. <i>Hip Hop</i> . São Paulo: Centro Universitário Maria Antonia da USP, 2001.		

O trabalho de Jac Leirner é visual e conceitualmente expressivo exatamente por não se prender a ideias apriorísticas fechadas nos objetos eles mesmos ^ o que poderia cair numa fetichização banal do cotidiano, mas usufruir da banalidade dos objetos do cotidiano sem valores imediatos em uma reflexão mais ampla, de plasticidade, reorganização do mundo (do caos), esgotamento dos signos, da própria história da arte, dos mitos contemporâneos etc.

Para o crítico Paulo Herkenhoff, "no Brasil, a arte é, frequentemente, a busca do grau zero". Jac parece ter evoluído seus trabalhos, chegando ao seu próprio grau zero, onde silencia as palavras em detrimento de uma visualidade sonora e rítmica sem imbricações apriorísticas. Hip Hop abre-se ao mundo na intenção de trazer à tona uma conscientização reveladora de uma situação cultural, onde nos deparamos a todo tempo com superficialidades, diluições e neutralizações dos significados cognitivos da vida cotidiana, silenciada.